

Desejo do analista e transferência na análise *online* com crianças

Carla Martins de Carvalho Góes

Resumo

A aparição de um novo vírus, que mobilizou o mundo inteiro, configurou-se como um acontecimento de real como nos diz Soler (2018), na medida em que marcou um antes e um depois com efeitos ainda incalculáveis. Diante dessa contingência, fomos convocados a responder não somente como sujeitos de nossa vida pessoal, mas também como analistas. Como dar seguimento às análises diante da urgência do isolamento social e do confinamento? Se, para muitos pacientes adultos e adolescentes, o trabalho de escuta a distância, de forma *online*, parecia poder se sustentar, como proceder com aqueles que transitam pela infância, já que sua produção coloca o corpo em cena através do brincar? A partir de recortes de dois casos clínicos, o presente artigo discute os limites e as possibilidades da análise *online* de crianças no contexto da pandemia, à luz dos conceitos fundamentais que orientam a clínica psicanalítica.

Palavras-chave:

Psicanálise; Criança; Pandemia; *Online*; Desejo do analista e transferência.

Analyst's desire and transference in online analysis with children

Abstract

The appearance of a new virus, that mobilized the entire world, configures itself as a happening from the order of the real, as said by Soler (2018), marking a before and an after with still incalculable effects. Faced with this contingency, we were called to respond not only as a subject of our personal lives but also as analysts. How to proceed with the analysis in face of the urgency of social isolation and confinement? If for many adult and adolescent patients the process of remote listening, virtually, seemed to work, how to proceed with those that are passing through childhood, once their production puts the body in scene through the playing? Based on excerpts from two clinical cases, this article discusses the

boundaries and the possibilities of online analysis of any child in the context of the pandemic, in the light of the fundamental principles that guide the psychoanalytic clinic.

Keywords:

Psychoanalysis; Child; Pandemic; Online; Analyst's desire and transference.

Deseo y transferencia del analista en el análisis en línea con niños

Resumen

La aparición de un nuevo virus, que ha movilizado a todo el mundo, se ha configurado como un hecho real, por lo tanto traumático, como indica Soler (2018), delimitando un antes y un después con efectos aún incalculables. Ante esta contingencia, nos han pedido que respondiéramos no solo como sujeto de nuestra vida personal, sino también como analistas. ¿Cómo proceder con el análisis ante la urgencia del aislamiento social y el encierro? Si para muchos pacientes adultos y adolescentes el trabajo de la escucha a distancia, de manera online, parecía poder sostenerse, ¿cómo proceder con los que pasan por la infancia, ya que su producción pone el cuerpo en escena a través del juego? Desde recortes de dos casos clínicos, este artículo discute los límites y posibilidades del análisis de niños a través de la modalidad en línea en el contexto de la pandemia, a la luz de los conceptos fundamentales que orientan la clínica psicoanalítica.

Palabras clave:

Psicoanálisis; Infantil; Pandemia; En línea; Deseo y transferencia del analista.

Désir d'analyste et transfert dans l'analyse en ligne avec des enfants

Résumé

L'apparition d'un nouveau virus, qui a mobilisé le monde entier, est configuré comme un événement réel, comme nous le dit Soler (2018), marquant un avant et un après avec des effets encore incalculables. Face à cette éventualité, nous étions appelés à réagir non seulement en tant que sujet de notre vie personnelle, mais aussi en tant qu'analystes. Comment assurer le suivi des analyses face à l'urgence de l'isolement social et de confinement ? Si, pour de nombreux patients adultes et adolescents, le travail de l'écoute à distance, de manière virtuelle, semblait pouvoir se maintenir, comment procéder avec ceux qui transitent par l'enfance, puis-

que leur production met en scène le corps à travers le jeu? À partir de coupures de presse de deux cas cliniques, cet article examine les limites et les possibilités de la l'analyse en ligne des d'enfants dans le contexte de la pandémie, à la lumière des concepts fondamentaux qui guident la clinique psychanalytique.

Mots-clés :

Psychanalyse ; Enfant ; Pandémie ; En ligne ; Désir et transfert de l'analyste.

No início do ano 2020, fomos surpreendidos por algo que para a maioria de nós estava muito distante, fazia parte do século passado, da história de nossos bisavós e avós que viveram a pandemia da gripe espanhola entre os anos 1918 e 1919. Àquela época, a doença, causada pelo vírus *influenza*, em poucos meses atingiu um quinto da população mundial, matando o que hoje se estima entre 20 e 50 milhões de pessoas (Castro, 2019).

No nosso caso, outro vírus, o coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (Sars-CoV-2) também nos pegou desprevenidos, abalando a população mundial quase que a um só tempo. A disseminação da doença causada por ele, chamada de covid-19, nos tirou de circulação, nos deixou em alerta, resguardados em nossas casas, isolados e com medo.

Embarcados nesse acontecimento inédito, onde se impõe o silêncio e o real, coube a cada um lidar com essa contingência e determinar sua maneira de responder a ela (Amirault, 2020).

Alguns, rapidamente, transformaram o espaço doméstico em *setting* de trabalho, de aulas, de atividade física. No extremo oposto, outros resistiram com veemência a alterar sua rotina, chegando ao extremo da indiferença e da negação. Outros foram tomados por uma inibição paralisante. Outros seguiram no modo que vou chamar de “modo espera”, permitindo-se vivenciar o instante de ver, o de compreender para poder, talvez, em algum momento, vir a concluir algo a respeito dessa experiência que para alguns foi da ordem de um acontecimento.

Soler (2018) designa o acontecimento (*événement*) como “o choque do real”, algo que acontece, mas que não é anódino, que tem efeitos, algo que faz história, que marca um antes e um depois, como o desencadeamento de uma doença ou mesmo “a aparição de um novo vírus capaz de mobilizar o mundo inteiro” (Soler, 2018, p. 237).

Nesse sentido, a pandemia causada pela disseminação da covid-19 representou para muitos de nós um acontecimento do real. Diante desse choque, fui convocada a responder não somente como sujeito de minha vida pessoal, mas também como analista.

Se a experiência analítica se orienta pelo princípio de que o analista não se confunde com o sujeito, é porque ele deve ocupar, nas análises que conduz, o lugar de agente, suportando fazer semblante de objeto. Só por meio dessa dessubjetivação, que revela o des-ser, o analista é capaz de tratar esse lado incurável do real, a contingência, o acontecimento, o imprevisto (Vicente, 2004).

Como semblante de objeto na condução das análises de meus pacientes, era necessário estar disponível a esse inesperado, não sem muitas questões: como dar seguimento às análises diante da urgência do isolamento social e do confinamento? Se, para muitos pacientes adultos e adolescentes, o trabalho de escuta de forma *online* parecia poder se sustentar, como proceder com aqueles que transitam pela infância, já que sua produção coloca o corpo em cena através do brincar?

Eu me dispus a aguardar, no “modo espera”, “acolhendo a contingência”, expressão que encontrei no texto de Monique Amirault, que nos foi compartilhado por uma colega do Fórum do Campo Lacaniano Salvador por volta do mês de abril de 2020. As palavras dessa psicanalista, transcritas a seguir, me ajudaram a compreender o meu movimento como um manejo clínico importante de aposta na transferência, no desejo do analista e no inconsciente, que são operadores de um trabalho que se propõe a ser analítico:

Eu não me movo. Pois a minha preocupação é essencialmente não inverter a demanda e acolher o que virá sem presumir qual será a resposta em cada caso (...). Sem dúvida temos um esforço a fazer para manter a posição que convém ao analista, ou seja, permanecer “não preocupado” (Lacan, 1966, p. 217), o que não significa neutro, indiferente, mas não avançar como pessoa (...). Pois, nesse momento onde cada um se encontra à mercê da contingência, do não-calculável — porta aberta para um real que não pode se escrever no *autômaton* da rede de significantes — o risco seria de fazer passar a demanda para o nosso lado, em detrimento do desejo do analista, e de antecipar o uso que cada um vai fazer dessa contingência, as respostas que ele vai dar a ela, a forma como o inconsciente a assumirá. (Amirault, 2020)

Ao longo do primeiro mês da pandemia, recebia notícias dos pais e mães dos meus pacientes. Muitos se diziam surpresos com os filhos, por estarem lidando bem com as mudanças. Mas, com o prolongamento do confinamento, com a falta de perspectiva, alguns pais começaram revelar o quanto estavam se sentindo perdidos.

Esse foi o caso da mãe da paciente que vou chamar de Pollyanna.¹ Queria uma orientação a respeito de sua filha. Acolho sua demanda propondo uma sessão a distância. Nesse encontro, a mãe trouxe que vinha notando o retorno do retrai-

1 O nome foi escolhido em referência à personagem principal do livro *Pollyanna*, de Eleanor H. Porter.

mento de Pollyanna em relação ao contexto social. Ela não queria mais falar com as colegas e resistia a assistir às aulas *online*. Além disso, voltou a ficar "grudada", como diz a mãe, na irmã mais velha. Pollyanna estava com 8 anos. A partir dessa escuta, pedi para que ela perguntasse à filha se ela gostaria de fazer uma sessão *online*. Surpreendida, a mãe disse: "Não tinha pensado nisso, é possível? Ela é uma criança!"

Alguns dias depois, recebi uma mensagem dela pedindo um horário para Pollyanna. Diante desse pedido, muitas questões. Sabia que era necessário fazer essa aposta, mas como seria? Como seria escutar Pollyanna fora do espaço físico da sala de atendimento? Seria possível o brincar? Inicialmente, combinei com a mãe que Pollyanna estivesse em um local com privacidade e que ela a ajudasse a fazer a ligação no horário combinado.

"Oi, agora posso te mostrar todos os meus bichinhos, antes não podia porque não dava para levar todos para a sessão", diz Pollyanna à analista. Ela mostrou e falou o nome de todos: "Lembra de algodão doce? É esse!" Esse dito me remeteu ao início do seu trabalho analítico há mais ou menos um ano, momento em que ela trazia sempre um bichinho de pelúcia, uma boneca ou outro objeto ao encontro com a analista. Também me lembrou de um jogo que realizava que chamava de "jogo do contente". Como Pollyanna da escritora Eleanor Porter, sua personagem favorita, que atualmente virou uma série de televisão voltada para as crianças, Pollyanna dizia que precisava olhar sempre para o lado bom das coisas, por isso fazia esse jogo. Parecia ser a saída que ela tinha encontrado para lidar com a falta, da qual nada queria saber. Será que com esse "antes" e esse "agora", Pollyanna estava tentando marcar a diferença de fazer sua sessão de outra forma, não sem antes encobri-la com o jogo do contente, tentando olhar o lado bom disso?

Em seguida, iniciou uma brincadeira em que era a mãe dos muitos bichinhos, cuidava deles, dava comida, colocava para dormir. Depois de um tempo nesse movimento, desabafa: "Eu brinquei assim *online* com minhas amigas, mas é chato." "Pode ser de outra forma!", interveio a analista, que, nesse momento, encerrou a sessão perguntando se ela gostaria de continuar na semana seguinte.

Diante desses questionamentos que fiz a Pollyanna, me dei conta de que conduzi como se ela ainda estivesse nas entrevistas preliminares, embora a análise já estivesse em andamento. Mas como ignorar a pandemia e a interrupção do atendimento? Ela estaria disposta a continuar sua análise, sustentando a transferência como motor desse trabalho, mesmo sendo *online*? Sustentar um brincar, portanto, diferente do brincar com suas amigas de forma *online*?

Pollyanna, na sessão seguinte, não estava mais no quarto que dividia com a irmã onde morava todos os seus ursos e brinquedos, estava em um espaço da casa, usado pelo pai para trabalhar. Esse foi o espaço eleito para dar continuidade ao seu trabalho. Nessa segunda sessão, não recorreu ao brincar simbólico, pôde

falar, e, ao falar, se via na tela do celular onde fazia caras e bocas como um espelho. Se ver ali, na sua sessão, não parecia ser um problema para Pollyanna, o que trouxe como questão era ver e ser vista pelo outro: “Eu não gosto, não conheço a professora, é chato.” Nesse momento, Pollyanna só dava conta de assistir às aulas da escola gravadas.

Mesmo antes da situação da pandemia, em que o olhar do outro invadiu sua casa e sua intimidade através das aulas que passaram a acontecer na modalidade *online*, já não era fácil para Pollyanna a convivência no contexto escolar. Quando escutei sua mãe pela primeira vez, essa era uma de suas queixas. Preocupava-se por Pollyanna se recusar a participar das atividades extracurriculares, como o dia das crianças na escola, por ela não fazer perguntas na sala de aula, chegando, muitas vezes, a não querer ir para a escola.

Lacan, a partir de Freud, situa o olhar como um dos objetos da pulsão:

(...) o olhar é esse objeto perdido e reencontrado, na conflagração da vergonha, pela introdução do Outro. O que esse olhar procura ver é o objeto enquanto ausência, “O que se olha é aquilo que não se pode ver”. (Lacan, 1964/1985, p. 173)

Se, para Freud (1915/1976), a pulsão é posta como um conceito limite entre o psíquico e o somático, o representante psíquico das excitações provenientes do corpo, com Lacan (1964/1985), a pulsão se torna um conceito que articula o significante e o corpo. Nesse sentido, o conceito de pulsão institui uma realidade corporal que é irredutível ao natural, está submetido a uma ordem simbólica, corpo marcado pela linguagem, pelo Outro (Garcia-Roza, 1990, p. 19).

A pulsão realiza a sua função graças à introdução do Outro e só se completa em sua forma invertida, de retorno, a partir da pulsão ativa, fazendo-se ver, em um movimento de apelo ao outro. É um circuito que se organiza a partir de três tempos lógicos: o de ver, o de se ver e o de se fazer ver. Nesse terceiro tempo, a pulsão fecha o seu circuito com a introdução do Outro (Lacan, 1964/1985).

O Outro, com letra maiúscula, para Lacan, é o lugar em que se situa a cadeia significante que “comanda tudo que vai presentificar-se do sujeito” (Lacan, 1964/1985, pp. 193-194), é o campo do vivo onde se manifesta a pulsão e onde o sujeito do inconsciente deve aparecer. Soler (2018) ressalta que, são os outros, os semelhantes, que dão voz e corpo a esse Outro.

Para Pollyanna, posicionar-se como sujeito ainda não era sem angústia. Isso implicava se deparar com seu próprio desejo em se *desgrudar*, deixar cair, sair do lugar de objeto causa de desejo do Outro. Esse movimento estava acontecendo no seu trabalho analítico, mas veio a pandemia e, com ela, tudo parou.

A convivência dentro de casa passou a ser intensa. Todos juntos, confinados, sob o olhar uns dos outros. Nesse momento, houve o retorno desse “grude”, significativo trazido pela mãe. A convivência social com seus pares, que já estava se dando de forma menos angustiante para Pollyanna, com o formato de aulas *online* adotado pela escola onde estudava, se tornou insustentável.

Com o olhar em jogo, seria possível a Pollyanna sustentar suas sessões de análise de forma *online*? Eu me perguntava. No início, ela entrava pelo celular do pai ou da mãe, mas, depois que ganhou o seu próprio celular, passou a entrar por ele. No horário combinado, lá está Pollyanna: “Posso ligar?”.

“O que eu faço para ajudar minha irmã?”, perguntou Pollyanna à analista em uma das sessões. “Ela chora no quarto, não gosto de ver ela assim”, continuou. Com essa questão dirigida à analista, Pollyanna supõe que a analista tem um saber, suposição necessária que aponta para a transferência, motor do trabalho analítico; além disso, aponta para a possibilidade de ver sem recorrer ao jogo do conteúdo na tentativa de recobrir a falta. O desejo de saber de Pollyanna parece dar limite ao gozo em jogo na repetição.

Ao se apresentar como incitação ao saber, o ato analítico, mediante a regra fundamental, induz o neurótico a encontrar um sujeito-suposto-saber e enveredar por um caminho que o conduz à verdade, ou seja, à verdade que está do lado do desejo e da divisão do sujeito (Melo, 2013).

Assim, no laço analítico, seja ele presencial ou *online*, com crianças ou adultos, o analista opera fazendo-se semblante de objeto. Seu ser não está em jogo, nem seu olhar e sua voz, o que está em cena é o inconsciente. Os fragmentos clínicos do caso Pollyanna trazem evidências disso, revelando as possibilidades de uma análise *online* mesmo quando é o olhar do Outro que causa horror.

Se antes Pollyanna só conseguia assistir às aulas só depois, gravadas. Com o retorno ao seu trabalho analítico, passou a entrar nas aulas, sustentando se fazer presente, porém com a câmera do computador desligada, mesmo não sendo permitido pelo contexto escolar. Pelo menos nesse espaço ela conseguia dar um limite ao Outro, mas não sem angústia.

Para Quinet (2013), o analista empresta seu corpo e sua voz para fazer semblante em seu ato. Diferentemente do ato educativo, que tenta dar uma forma ideal comandada pelo significante mestre, o ato analítico aponta para o des-ser (Melo, 2013).

Quase que simultaneamente à demanda feita pela mãe de Pollyanna, recebi uma mensagem da mãe de Will, que estava em trabalho analítico há mais ou menos um ano também, suspenso em razão da pandemia. Diferentemente da mãe de Pollyanna, que demandou uma orientação para ela própria, a mãe de Will demandou que eu fizesse uma sessão *online* com seu filho, apesar dos seus 4 anos de idade.

Will é o irmão do meio; tem dois irmãos, um menino mais novo e uma menina mais velha. Os pais me procuraram encaminhados pela fonoaudióloga do irmão mais novo, que, na época, apresentava embarços na fala, com a intenção de que eu o atendesse. Mas, nas entrevistas preliminares, quem aparece na fala dos pais é Will. O pai queixava-se de que Will estava batendo muito no irmão, chorava quando ele encostava nos seus brinquedos. A mãe falava sobre a sua recusa em ir para a escola. Conta que chegou a ficar um ano como ajudante na escola para ajudá-lo na adaptação, mas não funcionou. Ele continuava sem querer ficar lá.

O pai, quando ia levá-lo, ficava escondido para ver se o filho conseguia realmente parar de chorar, como a professora falava. Ele foi quem fez a escolha da escola por ser bilíngue, porém não conseguia estabelecer uma relação de confiança com esse espaço. Para ele, a escola queria que as crianças fossem “autônomas demais”, como diz. Quando questionado sobre o porquê de mantê-lo lá, diz: “Já pensamos em colocá-lo na escola do irmão, até porque Will pede para ir com ele, mas a escola não tem ar-condicionado nas salas e ele não vai suportar.” Parecia não haver escola suficientemente boa para seu filho.

Nas entrevistas com esses pais, o que foi se evidenciando era o sofrimento familiar em torno da separação. Como um novelo, estavam todos juntos e misturados, mas não sem sofrimento.

Na primeira sessão com Will, antes da pandemia, ele entrou sem os pais, porém agarrado a um carrinho. Logo percebi que é como se esse carrinho fizesse parte do seu próprio corpo. Não era um objeto de brincadeira. Ele podia pegar outros carrinhos para brincar, mas esse ficava sempre em uma de suas mãos. Às vezes, chegava a soltá-lo, mas logo segurava-o novamente fazendo questão de mostrar à analista a marca: “É da Hot Wheels, sabia?”.

A brincadeira consistia em colocar um carro que escolheu para andar na pista e dois trens de cores diferentes. Nada a mais que isso, mostrando uma pobreza simbólica importante. No final da sessão, como sempre faço nesse momento das entrevistas iniciais, pergunto se ele quer vir novamente, ele concorda, os pais também, e assim vou dando continuidade ao trabalho.

Nas sessões que se seguiram, a mesma situação se desenrolava, agarrado ao mesmo carrinho, ele seguia com a brincadeira de colocar os carros e os dois trens na pista. É importante ressaltar que a escolha pelo nome próprio Will, para nomear o sujeito do caso clínico em questão, deve-se ao fato de sua sonoridade remeter à Wheels, significante ao qual parecia estar colado.

Em um momento, Will perguntou por que o trem vermelho é diferente do trem verde. Volto a pergunta para ele, no que diz: “Não gosto de meninas.” Em outra sessão, diz: “Meu irmão não sabe falar, sabia? Eu não consigo brincar com ele, pode me ajudar?”.

Com a transferência se presentificando, o trabalho analítico de Will avançava, mas com muita dificuldade de ser sustentado pelos pais. Muitos esquecimentos, desmarcações e, até mesmo, suspensão dos atendimentos por alguns períodos, mas Will, sempre que ia, trabalhava bastante. Já não precisava mais do apoio de nenhum objeto para entrar na sessão, e sua brincadeira simbólica estava mais rica. Os carrinhos que escolhia para brincar não ficavam só na pista, iam para a piscina, para o restaurante. Aos poucos começaram a ganhar corpo e voz, o faz de conta passou a ser possível no seu brincar.

A partir do trabalho analítico, algo da relação com o objeto vai se modificando, o carrinho vai deixando o estatuto de objeto transicional, para cair como objeto *a*, o qual Lacan formula a partir do conceito de objeto transicional cunhado por Winnicott (Lacan, 1967-1968/2003).

Depois de muitas sessões fazendo de conta que era um carrinho que brincava sempre sozinho, deu à analista dois carrinhos, um chamou de “carrinho filho” e o outro de “carrinho mãe”. Na sua mão tinha outro carrinho que não nomeou, mas disse se tratar de um “colega”. Na brincadeira de Will, o carrinho filho tinha que chamar o colega para brincar, mas este se recusava. O colega batia e chamava o carrinho filho de feio e bobo. “E agora? O que ele faz?”, perguntou a analista. Will diz: “Ele chora, ele vai contar para a mãe.” Will colocou em cena a relação com o Outro, trouxe a sua questão. E assim foram muitas e muitas voltas, até que Will conseguisse suportar a separação, sustentando o desejo para além de papai e mamãe.

Depois de um intervalo de quase dois meses sem sessão, Will retornou. Suas sessões estavam seguindo sem interrupções, até que a pandemia fez um corte. Foi quando recebi a mensagem da mãe dizendo que Will estava perguntando pela analista.

Esse pedido me fez marcar uma sessão *online* com Will. Novamente, as dúvidas vieram: Como será fora do consultório? Sem o apoio dos carrinhos, da pista? Ele só tem 4 anos! Mais uma vez, fui surpreendida com um sujeito em análise. Mesmo com a pandemia, a interrupção e a mudança no modo de atendimento, a transferência estava lá.

A mãe fez a ligação, preparou o ambiente e saiu do quarto. Logo veio a demanda: “Vamos brincar da brincadeira do carrinho? O carrinho triste.” Will trouxe algo novo, o significante triste, e pôde falar disso mesmo sem o apoio dos objetos que ele estava acostumado a brincar na sala onde suas sessões eram realizadas. Bastou apenas que a transferência estivesse ali para que a realidade sexual do inconsciente pudesse ser colocada em ato, ato que tem lugar por um dizer e pelo qual modifica o sujeito (Lacan, 1968-1969/2003).

É interessante ressaltar que, se alguém entrasse no quarto, inadvertidamente, Will rapidamente parava o que estava fazendo, ficava imóvel. Quando voltava a

ficar sozinho na sessão, a brincadeira seguia. Quando Lacan afirma que “a transferência é a colocação em ato da realidade sexual do inconsciente”, ele nos adverte sobre o que está em jogo em uma análise, o pulsional, fazer falar dando lugar ao dizer.

A sustentação do trabalho clínico com Pollyanna e Will no modo de atendimento *online*, assim como de outras crianças, dá o testemunho de que, na clínica psicanalítica, o que está em jogo é a dinâmica da transferência. Nesse jogo, o analista é sempre livre quanto ao momento, ao número e também à escolha das intervenções. Porém, quanto ao manejo da transferência, sua liberdade fica alienada pelo desdobramento que nela sofre a pessoa do analista, na medida em que ele a empresta como suporte aos fenômenos singulares que a análise descobriu na transferência. Eis por que o analista é menos livre na sua estratégia do que em sua tática, sendo a estratégia o uso que se faz da relação transferencial e a tática a produção de atos analíticos a partir da transferência (Lacan (1958/1998, p. 595).

Além disso, ao considerar as crianças no âmbito do tratamento psicanalítico como constituindo um conjunto uniforme ou um universo homogêneo, sem levar em conta o lugar que ocupa na linguagem, o momento da sua constituição subjetiva, há o risco de sentenciar a impossibilidade de que alguns atendimentos clínicos com crianças possam seguir à distância em determinadas circunstâncias.

Dessa forma, a pandemia convocou os analistas a criarem novas táticas no seu fazer. Representou o momento de dar o testemunho de que a psicanálise não segue protocolos rígidos, mas tem princípios. Os recortes clínicos dos casos de Pollyanna e Will, além de trazerem a evidência de que não é possível conduzir um trabalho analítico sem operar a partir do desejo do analista e da transferência, revelam também o trabalho do inconsciente pela via da pulsão e da repetição. Conceitos nomeados por Lacan (1964/1985) como fundamentais da psicanálise, que norteiam o trabalho clínico independente da modalidade, seja presencial ou *online*.

Referências bibliográficas

- Amirault, M. (2020). *Acolher a contingência*. Recuperado em 10 de abril, 2020, de <https://www.hebdo-blog.fr/accueillir-la->
- Castro, R. (2019). *Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1976). As pulsões e suas vicissitudes. In S. Freud. *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, 3a ed., pp. 129-182). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1976). 34a Conferência: explicações, aplicações e orientações. In S. Freud. *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XXII, pp. 167-191). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)

- Garcia-Roza, L. A. (1990). *O mal radical em Freud* (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1936)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan. *Escritos* (p. 595). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (2003). O ato psicanalítico. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 371-379). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado 1967-1968)
- Melo, R. (2013). O ato na clínica com crianças. In E. R. Miranda & G. Cerquise (Orgs.), *A clínica do ato*. Rio de Janeiro: Letras.
- Quinet, A. (2013). O analista-ator. In E. R. Miranda & G. Cerquise (Orgs.), *A clínica do ato*. Rio de Janeiro: Letras.
- Soler, C. (2018). *Adventos do Real: da angústia ao sintoma* (1a ed.). São Paulo: Aller.
- Vicente, S. (2004). O ato analítico. Recuperado em 16 de outubro, 2020, de <http://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?s=sciELO.br/pdf>

Recebido: 01/07/2022

Aprovado: 15/07/2022